

Pesquisa sobre recepção de telenovela na década de 90: um estado da arte¹

Nilda Jacks e Daiane Menezes
PPGCOM / UFRGS²

Resumo

O objetivo deste relato é apresentar o “estado da arte” das pesquisas de recepção de telenovela realizadas nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, na década de 1990. Através da categorização das pesquisas e da formação de uma base de dados, identificamos, entre outros aspectos, as principais referências teóricas e metodológicas, as filiações epistemológicas, e apontamos os avanços e as lacunas desta área.

Palavras-chave

Telenovela; recepção; pesquisa.

1 Introdução

Este relato faz parte da pesquisa “O campo da recepção e a produção brasileira na década de 1990”, que tem por objetivo identificar o “estado da arte” da pesquisa de recepção no Brasil com a intenção de apresentar o status do conhecimento sobre o tema e de construir a agenda para os pesquisadores. Aqui trataremos de duas teses e cinco dissertações³ que analisam a recepção de telenovelas. Dos sete trabalhos, seis foram realizados na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

A estratégia analítica utilizada foi a identificação dos objetos de estudo, problemas de pesquisa, premissas epistemológicas, modelos teórico-metodológicos, premissas teóricas, hipóteses, amostra, procedimentos e técnicas de pesquisa, tendências disciplinares, resultados e autores e obras fundamentais.

Todas as pesquisas aqui analisadas adotam a abordagem sociocultural⁴, ou seja, abarcam uma visão ampla e complexa do processo de recepção dos produtos midiáticos, onde são consideradas múltiplas relações sociais e culturais. Mais do que o estudo do fenômeno de recepção em si, pretendem problematizar e pesquisar, do ponto de vista teórico ou empírico, sua inserção social e cultural (ESCOSTEGUY, 2004).

¹ Trabalho apresentado ao NP 14 – Ficção Seriada, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Nilda Jacks é professora do PPGCOM/UFRGS, pesquisadora do CNPq, autora dos livros “Mídia Nativa. Indústria Cultural e cultura regional”, “Querência. Cultura regional como mediação simbólica. Um estudo de recepção”, ambos pela Editora da UFRGS, e coordenadora do “Hermanos, pero no mucho. El periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil e Argentina. Buenos Aires. La Crujía Ediciones, 2004.

Daiane Menezes é aluna do curso de Jornalismo e bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Pesquisa em Mídia e Recepção da UFRGS.

³ O corpus total das pesquisas de recepção é composto de 49 trabalhos, sendo a telenovela o gênero mais estudado.

⁴ Utiliza-se a classificação proposta por Ana Carolina Escosteguy (2004), que analisou o mesmo corpus, e identificou as pesquisas segundo suas abordagens, como sócio-culturais, comportamentais e outras.

2 Os trabalhos

No que diz respeito aos *objetos de estudo*, as pesquisas apresentaram as seguintes formulações: Nilda Jacks (1993) pesquisa a relação da identidade regional entre famílias gaúchas e o processo de recepção de telenovelas, explorando a telenovela Pedra sobre Pedra; Fernando Salinas (1994) estuda a mediação do som na recepção da telenovela, também analisando Pedra sobre Pedra e Fera Ferida; Magno Silva (1991) analisa os modos de donas-de-casa da periferia de São Paulo olhar telenovelas, utilizando quadros da telenovela Tieta, assim como programas de variedades e reportagens; Veneza Ronsini (1993) investiga a relação da telenovela com as práticas produtivas e culturais de mulheres de uma comunidade rural no Rio Grande do Sul, explorando a telenovela Pedra sobre Pedra, assim como Jacks⁵ e Salinas; Maria Luiza Baptista (1994) estuda a relação dos metalúrgicos porto-alegrenses com a telenovela e a comunicação sindical, sem analisar a relação com uma telenovela específica; Maria de Fátima Elias (1996) analisa o papel da telenovela na vida de adolescentes da zona rural e urbana de Piracicaba, também sem analisar uma determinada telenovela; e Milton Souza (1996) investiga o uso social que os receptores da telenovela das oito fazem dos vilões das tramas, analisando-os em Pedra sobre Pedra, Fera Ferida, Tieta, Roque Santeiro, Roda de Fogo, Vale Tudo, O Dono do Mundo e Pátria Minha⁶.

Quanto aos *problemas de pesquisa*, Jacks quer saber como os elementos da cultura regional gaúcha articulam as apropriações e interpretações dos conteúdos veiculados pela telenovela; Salinas, qual o lugar do som na estrutura ficcional da telenovela, que importância tem na apropriação dos receptores, e que uso é feito dele na vida cotidiana; Silva, como donas-de-casa simbolizam, imaginam e interpretam o que passa na televisão, enfocando entre alguns programas a telenovela; Ronsini, como a telenovela é reelaborada pela mulher rural em função da sua cultura, altamente vinculada a suas práticas produtivas, sua forma de ganhar a vida; Baptista, até que ponto a telenovela e a comunicação do sindicato se colocam como propostas mobilizadoras a partir de apelos diferentes; Elias, como o adolescente, dentro de contextos sociais diferentes, se posiciona diante da estrutura ficcional da telenovela e em que dimensão esse gênero atua em seu cotidiano; e Souza, quais são os usos sociais que os receptores

⁵ Jacks e Ronsini (1995) fizeram um estudo comparativo entre as duas pesquisas como uma maneira de avançar na análise de seus objetos, uma vez que o cenário cultural analisado pertence a mesma região.

⁶ Os cinco trabalhos que analisam a telenovela como procedimento metodológico selecionam telenovelas veiculadas pela Rede Globo, no horário das 20h30, conhecido como o da Novela das Oito.

fazem das personagens vilãs no seu cotidiano e como elas são compreendidas.

Com relação às *premissas epistemológicas*, cinco trabalhos indicam suas filiações a determinados paradigmas. Um opta pelo paradigma fenomenológico, conjugando-o com a hermenêutica (SILVA) e outro opta pelo dialético (ELIAS). Os outros três trabalhos falam da crise dos paradigmas que vêem a comunicação de modo determinista e da busca por novos paradigmas mais preocupados com a subjetividade e a intersubjetividade (BAPTISTA, JACKS e SOUZA).

No que concerne à adoção de um *modelo teórico-metodológico*, quatro trabalhos filiam-se à proposta da Teoria da Recepção desenvolvida na América Latina (JACKS, RONSINI, SALINAS e SOUZA). Entre os outros três, apenas um deles nomeia um modelo: Baptista utiliza a cartografia proposta por Sueli Rolnik – “desenho que se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem”.

Quanto às *premissas* que orientam os trabalhos, elas foram identificadas como relativas à ou ao:

a) processo de comunicação - nesta categoria, as afirmações mais frequentes são: o processo de comunicação é dialógico, de mão dupla, sem um pólo passivo e outro ativo (BAPTISTA, JACKS, SALINAS e SOUZA); há mediações que intervêm no processo, ainda que sejam chamadas de atravessamentos, vivências e valores ou referenciais particulares e coletivos (BAPTISTA, ELIAS, JACKS, RONSINI e SOUZA). Interessante notar que estas premissas, características do modelo das mediações, também são usadas por trabalhos que não se baseiam neste modelo (BAPTISTA e ELIAS). Outra afirmação recorrente é a de que há uma tentativa de imposição de um discurso hegemônico por parte dos meios, ainda que este seja reelaborado pelo receptor (BAPTISTA, SILVA e SOUZA). Uma outra idéia que aparece em dois trabalhos é a de que o processo de recepção não se restringe ao momento de assistir à televisão, começa bem antes e termina bem depois deste ato (JACKS e RONSINI) ⁷.

b) receptor - as premissas que mais se repetem sobre o receptor dizem que ele também é um produtor de sentido (BAPTISTA e JACKS), que reinterpreta e reelabora as mensagens dos meios (ELIAS, JACKS, RONSINI, SALINAS, SILVA e SOUZA), segundo características individuais como personalidade, caráter e valores, assim como por influência de agentes sociais como a família, a escola, religião, partido

⁷ Há mais duas premissas que não são recorrentes: Batista vê a comunicação como relação de poder e Ronsini diz que o processo de interação entre a TV e os receptores é coletivo.

político e empresa, ou ainda conforme a sua experiência cultural (o conjunto de circunstâncias e situações onde está inserido), ou seja, segundo certas mediações (ELIAS, JACKS, RONSINI, SALINAS e SOUZA) ⁸.

c) emissor - somente dois trabalhos apresentam premissas a este respeito. Baptista diz que a estratégia do emissor é evitar a decepção, que ele estimula a busca constante do prazer. Jacks, no contexto empírico específico da RBS, parte da premissa de que é uma grande incentivadora do culto às tradições.

d) meios - uma premissa freqüente sobre os meios de comunicação diz respeito ao caráter empresarial da produção em escala industrial, de acordo com os padrões do capitalismo (BAPTISTA, ELIAS e SOUZA), salientando a sua natureza ideológica, explícita ou implicitamente. Outra aponta a televisão como uma instituição social e um agente mediador entre a sociedade e o receptor (BAPTISTA, JACKS e RONSINI), a qual produz uma agregação/integração social e cultural, que dá às pessoas a sensação de fazerem parte de uma coletividade, apesar de propiciarem uma experiência individual (ELIAS, JACKS, SALINAS e SOUZA). Outro aspecto levantado por várias premissas é a característica de representação/reprodução da realidade. Baptista diz que a televisão espelha a sociedade, mas que, como qualquer forma de representação, a distorce, sendo que Souza, diferentemente de Baptista, fala somente em espelhamento. Jacks vê a televisão como reprodutora da realidade, mas chama a atenção para a possibilidade dos meios refletirem ou não alguns aspectos relativos a parcelas da sociedade, sem falar em distorção. Ronsini aponta a televisão como “veiculadora de representações”, competindo com outras instituições sociais. Há autores que partem da premissa de que os meios são uma forma de passar o tempo (ELIAS e SOUZA), que não exige nenhum tipo de esforço físico ou intelectual (SOUZA). ⁹ Nota-se uma diferença de tom nos trabalhos que utilizam os modelos das mediações em relação aos outros. Os primeiros não apontam aspectos que dizem respeito à função capitalista dos meios de comunicação, à sua natureza ideológica, com exceção de Souza, e os segundos não colocam a televisão como mediadora ou

⁸ Outras premissas que não se repetem: Batista diz que o receptor só compactua com o processo comunicacional quando seus sentimentos são mobilizados; Elias fala que para se ter capacidade de reinterpretar as mensagens dos meios é necessário que se tenha outras formas de socialização, como a cultura popular e erudita; e Silva diz que o olhar do receptor não é neutro, nem necessariamente ativo, nem necessariamente passivo; ele oscila entre as posturas emissiva e receptiva.

⁹ Outras premissas não são recorrentes: Elias apresenta os meios como um terreno de confronto político, sistema de intervenção cultural. Salinas lembra que ainda hoje a TV é apontada como um “rádio com imagens”, em que o receptor só precisa olhar as imagens de vez em quando, o resto é só ouvir. Ronsini aponta as características específicas da televisão como fator que influi na apropriação dos significados pelos receptores.

instituição social, à exceção de Baptista.

e) mensagens - somente três trabalhos fazem alguma consideração sobre esta questão. Jacks fala do caráter polissêmico das mensagens, Baptista e Silva falam mais especificamente da imagem. Silva vê a imagem como um estímulo ao receptor para se transportar para um tempo e espaço mítico e Baptista, como uma mensagem heterogênea com potencial de significação superior ao verbal, porque toca mais os sentimentos e não precisa de aprendizado para sua “leitura”, ao contrário do texto.

f) gênero - quatro autores possuem como premissa relativa à telenovela a busca pela reprodução da realidade (BAPTISTA, ELIAS, JACKS e SOUZA). De maneira menos recorrente aparece: a sua característica de tentar fazer “ficção sem fantasia” (BAPTISTA e ELIAS); seu aspecto ideológico e sua identificação com o modo de produção capitalista (BAPTISTA e SOUZA); sua capacidade de promover identificação com o cotidiano do telespectador (ELIAS e SOUZA); e seu valor simbólico (BAPTISTA e JACKS). Outras premissas revelam aspectos mais intrínsecos ao gênero. Baptista fala do poder moralizador da telenovela, da sua técnica dramaturgica de tensão e desenlace que agencia sempre o desejo do telespectador. Vê a telenovela como “obra aberta”, com a trama voltada ao privado e com apelos primários, produzindo movimentos de consumo em direção a ela própria e aos produtos e idéias que veicula. Elias chama à atenção para a permanência estrutural do gênero, sempre com os mesmos tipos de personagens e conflitos básicos. Jacks fala da telenovela como lugar onde a cultura se recria cotidianamente, e como expressão nacional, em função da sua identidade com a cultura brasileira, o que levanta a possibilidade de fortalecimento das identidades culturais via “massmediação”. Lembra também que os aspectos econômicos que envolvem a concepção da telenovela como produto cultural industrializado determinam todo o processo, às vezes, até a escolha do tema. Salinas diz que ela trabalha com o imaginário coletivo e reelabora a arte de narrar na forma eletrônica mais depurada das “mil e uma noites” porque sabe dar conselhos e contar histórias sem acompanhá-la de explicações psicológicas. Souza vê a telenovela como meio fundamental de aproximação do homem com a cultura e, do mesmo modo que a TV, uma forma barata e prática de lazer, sem nenhum tipo de esforço físico ou intelectual.

No que diz respeito às *hipóteses teóricas*, dos trabalhos que utilizam a teoria da recepção desenvolvida na América Latina, três apresentam formulações e todas relativas às mediações. Jacks aponta as mediações do contexto cultural como

responsáveis pelo processo de recepção; Ronsini possui duas hipóteses: as práticas produtivas e culturais são fundamentais no processo de recepção; e os meios de comunicação homogeneizam as diferenças culturais, estimulando a rejeição ou afirmação de modos de vida, de acordo com o “filtro” das mediações; Salinas aponta o som como uma mediação básica na recepção da telenovela ao se colocar como articulador de sentidos para o receptor. Com relação às hipóteses teóricas dos outros trabalhos, Baptista acredita que a televisão interfere mais ou menos no comportamento, nos padrões e nos valores das pessoas em função do resultado do jogo de forças da trama de espelhos que se propõe ao sujeito¹⁰. Silva levanta a hipótese de que o olhar do receptor, quando simbólico, é um olhar que deseja o infinito¹¹. Apesar de não utilizarem a teoria das mediações, estes trabalhos possuem hipóteses muito próximas a ela, falando de espelhos que equivalem às mediações ou falando da possibilidade do receptor simbolizar as imagens. Elias, por sua vez, parte da hipótese de que o comportamento de adolescentes urbanos e rurais diante da telenovela é diferente, respaldada por um trabalho que fala que o Q.I. dos primeiros é maior que o dos últimos.

No que diz respeito às *hipóteses empíricas*, entre os trabalhos que utilizam o modelo das mediações, três apontam a cultura daqueles que compõem suas amostras como fator determinante na recepção (a identidade regional das famílias estudadas por Jacks, a cultura popular camponesa das mulheres analisadas por Ronsini e a cultura de pessoas do interior e de uma capital estudadas por Salinas). Ronsini também trabalha com as seguintes hipóteses: a cultura popular camponesa possui vitalidade frente à urbanização; entre os aspectos que influem na preservação ou dilaceramento dessa cultura estão o tamanho da área plantada, porque determina a produção de subsistência ou comercial e a dependência do campo em relação à cidade. Salinas acredita que: na telenovela, as falas e as músicas são privilegiadas em detrimento de sons e efeitos sonoros; o receptor ouve desatentamente a telenovela (o que não significa que rejeite ou ignore os seus sons); o receptor relaciona os sons da telenovela com os “sons vividos”. Souza, por sua vez, possui a hipótese de que o vilão da telenovela é mediador de uma crítica à sociedade. Dos outros três trabalhos, somente Baptista possui a hipótese empírica de que o metalúrgico possui um envolvimento muito diferente com a telenovela e com a comunicação sindical.

¹⁰ A autora considera espelhos: meios de comunicação, escolas, sindicatos, partidos, grupos religiosos, etc.

¹¹ Esta hipótese tem um problema de coerência pois, na parte teórica do trabalho, o autor utiliza “olhar simbólico” e “olhar que deseja o infinito” como sinônimos.

Com relação às *amostras*, as maiores decorrem da utilização de questionários, formulários ou de pesquisa com grupos. Silva realiza seis entrevistas coletivas com uma média de sete pessoas por grupo, totalizando 41 pessoas, e onze entrevistas individuais. Jacks trabalha com 46 pessoas de doze famílias no preenchimento de formulário. Na etapa seguinte, seleciona uma pessoa de cada família para aprofundar a coleta de dados com entrevistas. Elias trabalha com 38 adolescentes respondendo questionários, e destes seleciona dois grupos com oito e dez adolescentes para uma pesquisa-ação (um autor de telenovela também é entrevistado). Os trabalhos que não realizaram pesquisa com grupos e não aplicaram questionários ou formulários possuem amostras menores: Ronsini trabalha com oito pessoas, Salinas com 16 e Souza com 14. A exceção é Baptista que faz entrevistas com 33 pessoas.

No que diz respeito aos *procedimentos e técnicas*, cinco trabalhos analisam o receptor e a telenovela: como um todo é analisada por Ronsini e por Jacks (o texto desta autora também foi cotejado com a fala de roteiristas, diretores, etc.); e aspectos específicos por Salinas (o som), Silva (trechos que tivessem elementos simbolizando alguma coisa), e Souza (as personagens vilãs). A dissertação de Baptista analisa a telenovela somente através da fala do receptor, sem focar em obra alguma; Elias procura realizar um contraponto entrevistando um autor de telenovela. Todos os trabalhos utilizaram a entrevista como uma das técnicas de levantamento de dados e três trabalhos utilizaram como apoio a exibição de fragmentos das telenovelas e de fotos dos personagens (SALINAS e SILVA, fragmentos; SOUZA, fotos). Outros trabalhos complementaram as entrevistas com observações etnográficas e/ou diário de campo (BAPTISTA, ELIAS, JACKS e RONSINI). Além disso, para uma primeira aproximação, Jacks utilizou questionários e Elias, formulários.

Com relação às *tendências disciplinares*, dentre os trabalhos que exploram a interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade, as disciplinas mais utilizadas foram: Psicologia/psicanálise (BAPTISTA, ELIAS e SILVA), Sociologia (ELIAS, JACKS e SALINAS) e Antropologia (JACKS, SILVA e SALINAS)¹².

No que diz respeito aos *resultados obtidos*, Baptista chega à conclusão que o envolvimento do metalúrgico com a telenovela e com a comunicação sindical é muito diferente porque são distintas/os: as formas de apelo (a telenovela propõe um

12 Com relação aos trabalhos tributários da teoria das mediações, na impossibilidade de chamar os Estudos Culturais de disciplina, conforme seus próprios autores, o mais adequado talvez seja identificá-los como sócio-antropológicos. Se assim for, aqui se inclui também a pesquisa de Veneza Ronsini e Nilda Jacks.

envolvimento mais emocional e o sindicato um envolvimento racional), os formatos das mensagens (a imagem é muito mais facilmente entendida do que o texto), a relação prazer/frustração (a telenovela alcança mais o primeiro, enquanto que a comunicação sindical leva muito mais à frustração, em função das suas aspirações e o que é de fato concedido). Além disso, há também a questão do “espelhamento” que faz com que os metalúrgicos se vejam muito mais refletidos na telenovela do que na comunicação sindical.

Elias chega aos seguintes resultados: os adolescentes rurais e urbanos vêm televisão de maneira diferente, apesar de dedicarem quase o mesmo tempo ao veículo. Os primeiros assistem de forma contínua, após o dia de estudos e trabalho, como única forma de lazer, e os últimos, de forma fragmentada, em função do número maior de possibilidades de lazer e atividades que a cidade oferece. Nos dois casos, o tempo disponibilizado para assistir televisão é determinado pela rotina diária dos adolescentes e não pela grade de programação. Em relação à posição crítica à telenovela, os adolescentes rurais encontram dificuldade em articular as razões pelas quais gostam ou não deste gênero, enquanto que os urbanos fazem críticas mais sofisticadas quanto à forma como a trama se desenvolve e o perfil dos personagens. A autora classifica a influência da telenovela como superficial, ligada somente ao campo estético, tratando-se apenas da exteriorização de uma vontade pré-existente. A telenovela seria somente um potencializador do caráter, porque os adolescentes possuem uma história anterior e uma convivência com outras instituições que são fundamentais no posicionamento destes frente à telenovela. Conclui que o adolescente já apresenta um grau de elaboração da realidade suficientemente crítico, bastante próximo ao comportamento dos adultos que, segundo a autora, foi retratado em outras pesquisas.

Jacks conclui que estudar a recepção não é senão estudar as identidades, que a importância da identidade no conjunto das mediações que intervêm no processo de recepção depende de como ela se estrutura e estrutura o cotidiano da audiência. A identidade regional gaúcha deve configurar uma situação específica porque é fortemente institucionalizada e possui certo grau de homogeneidade entre os diferentes componentes da amostra (estratificada em classes e gêneros). A autora constata que os modos e hábitos de ver televisão, a sua importância e as interpretações dadas aos conteúdos variam de acordo com características socioeconômicas, etárias e sexuais, mas que algumas semelhanças ultrapassam estas condições, como a preferência pela RBS (afilhada da Rede Globo, que relativiza a “globalização” da emissora carioca e fortalece

a identidade regional). Aponta ainda aponta a roda de chimarrão durante a recepção da telenovela como uma “mediação situacional simbólica”, na qual está presente parte da memória coletiva gaúcha, conectando, desta forma, televisão e identidade.

Ronsini chega à conclusão que os “filtros” (sic) mais importantes na seleção dos conteúdos da teledramaturgia são: o espaço doméstico-produtivo, a religiosidade e os laços comunitários, porque a família controla questões como consumo, comportamento dos filhos, etc., e também é o grupo de trabalho; os princípios cristãos fazem parte de sua educação, ainda que algumas práticas religiosas tenham perdido espaço para a TV; e certos padrões de comportamento são mantidos, dentre outras razões, pela vigilância exercida pela comunidade. A idade das mulheres também é um importante “filtro” na recepção da telenovela: as mulheres mais velhas, por exemplo, vêm na televisão a possibilidade de evasão de um cotidiano pouco prazeroso; as jovens, um modelo de comportamento que pode ser adaptado às situações vividas. O impacto da televisão na vida dessas mulheres se dá em função do trabalho extenuante, da dependência econômica em relação à família e do lazer da comunidade organizado para os homens, fatos que somados fazem com que busquem na TV evasão ao seu estilo de vida, em termos materiais ou morais. A televisão como mediadora entre o ethos urbano e rural consegue uma homogeneização parcial porque ao mesmo tempo em que torna a vida rural um “hotel-fazenda”, mostra o fazendeiro como a classe rural em torno da qual se agrega outra classe que lhes presta serviço, aflorando elementos distintivos de classe. As camponesas sentem-se simultaneamente inferiores e superiores aos habitantes da cidade, porque se estes, por um lado, são educados e têm dinheiro, por outro, não possuem a integridade moral dos habitantes do campo. A TV e a telenovela reforçam a imagem do urbano que as receptoras possuem em função do seu contato com a cidade; no caso das representações televisivas do rural, estas às vezes se diferenciam das representações das mulheres.

Os resultados alcançados por Salinas são: o som da telenovela é compreendido em sua linguagem e a sua relação com a história narrada e as personagens é reconhecida pelos telespectadores; há uma profunda ligação entre os sons das telenovelas e os sons da vida das pessoas; existe um ver-desatento, mas não um ouvir-desatento, o que aproxima as telenovelas de um rádio com imagens.

Silva chega à conclusão que, apesar de predominar entre as donas-de-casa o olhar ativo/emissivo, que simboliza as imagens, algumas apresentam um olhar finito, que faz com que permaneçam inalteradas ou insensibilizadas diante das imagens (ainda

que isto não signifique carência de pensamento, mas um pensamento empobrecido). A televisão explora com eficiência o desejo da descoberta de mistérios, mas, embora as imagens televisivas nutram este desejo de transporte simbólico para um outro espaço ou tempo, só olha-se ativamente aquilo que se deseja. Em relação a suas técnicas de coleta, conclui que os depoimentos em grupo ou individuais com as donas-de-casa não tiveram diferenças relevantes de conteúdo.

Por fim, o trabalho de Souza conclui que o vilão possui um caráter pedagógico (ajuda o receptor a interpretar a realidade política, social e econômica do país), e serve para os receptores projetarem nos comportamentos de determinados personagens a negação ou reforço de certas posições que possuam. O vilão representa a contradição social do poder no cotidiano, embora sempre mostrado de forma caricata e indesejada, e recebe sentidos diferentes e até antagônicos. O consumo simbólico dessa personagem por aqueles que possuem um nível educacional maior é feito com atenção às características estéticas e dramáticas, o que leva a pensar que é uma maneira de tentar se diferenciar enquanto classe ou de justificar seu consumo da telenovela. Os receptores não obedecem a contratos de leitura previamente estabelecidos porque se relacionam com outras pessoas, outros discursos e possuem um imaginário individual próprio, ainda que o campo da produção procure trazer referências presentes no universo simbólico e cultural do receptor.

No que diz respeito aos *autores e obras fundamentais*, os quatro trabalhos que utilizam a teoria das mediações têm Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez como autores fundamentais. Três trabalhos utilizam o livro “De los medios a las mediaciones” (JACKS, RONSINI e SALINAS), e dois trabalhos utilizam o livro “Televisión y melodrama” (SALINAS e SOUZA) de Martín-Barbero. De Orozco Gómez, o livro utilizado pelos quatro trabalhos é “Recepción televisiva: tres aproximaciones y una razón para su estudio” (JACKS, RONSINI, SALINAS e SOUZA). Ainda há outros autores que aparecem como fundamentais nestes trabalhos: Richard Hogart (RONSINI), Raymond Williams (SALINAS), Nestor Garcia Canclini (SOUZA e JACKS). Os outros trabalhos não possuem nenhum autor em comum: Baptista utiliza Félix Guattari e Suely Rolnik; Elias, H. Enzensberger, Luiz da Costa Lima, Augusto Triviños, Maria Ulhoa, Mario Wolf e Tânia Zagury; e Silva, J. Chevalier e A. Gheerbrant, Gaston Bachelard, George Gusdorf e Gustav Jung.

3 Conclusões parciais

Os *resultados obtidos* pelos trabalhos são basicamente empíricos, por esta razão é difícil encontrar aproximações entre eles. Uma primeira avaliação possível é procurar a coerência entre os objetos, os problemas de pesquisas, as hipóteses levantadas pelos trabalhos e as conclusões a que estes chegam. Baptista, por exemplo, conclui sobre seu objeto – as diferenças de envolvimento do metalúrgico com a telenovela e a comunicação sindical – respondendo à sua pergunta de pesquisa, que dizia respeito às propostas mobilizadoras a partir dos apelos diferentes dos gêneros que explora; e confirma sua hipótese empírica. Entretanto, sua hipótese teórica de que “a TV terá maior ou menor força, interferirá mais ou menos na vida das pessoas como indicadora de comportamento, de padrões e valores, em função do resultado do jogo de forças da trama de espelhos que se propõe o sujeito”, não recebe atenção em seus resultados, nenhuma referência à interferência ou influência da telenovela na vida dos metalúrgicos. Além disso, os conceitos da psicologia e da psicanálise utilizados pela autora não contribuem para a resolução do problema, até porque são similares aos utilizados no campo da comunicação; apesar de utilizar técnicas como observação participante e diário de campo, não as explicita.

Elias, que pretendia estudar a participação da telenovela na vida dos adolescentes e a diferença de posicionamento de adolescentes urbanos e rurais frente à telenovela, contempla estas questões nas suas conclusões e fala, também, da influência da telenovela no comportamento dos adolescentes, embora não fosse sua preocupação inicial. Ao definir a filiação epistemológica, diz optar pelo método dialético em vez do fenomenológico devido à “característica a-histórica” deste último, mas para embasar sua hipótese de que os adolescentes urbanos e rurais recebem a telenovela de maneira diferente, utiliza um estudo sobre Q.I., que nada tem a ver com a dialética.

Jacks, na sua conclusão, admite que o trabalho pretendia ser um estudo de recepção de telenovela, mas acabou transformando-se em um estudo de identidade gaúcha através de uma pesquisa de recepção, faltando, dessa maneira, explorar mais a relação dos receptores com a telenovela.

Ronsini contempla a questão da relação das camponesas e suas práticas produtivas e culturais com a telenovela, e de como esta obra ficcional é reelaborada por estas mulheres. Quanto à sua hipótese de que a TV tende à homogeneização, conclui que esta não se realiza totalmente. O trabalho, embora seja sobre a recepção da

telenovela, não possui nenhuma premissa sobre o gênero.

Salinas responde sobre a questão da relação entre o som da telenovela e a audiência deste som, assim como a maneira que este som se apresenta e a importância deste na recepção; nega a hipótese de que há um ouvir-desatento, chegando à conclusão que só há um ver-desatento, e confirma a hipótese de que o som se apresenta como mediação básica na recepção da telenovela. No que diz respeito à hipótese de que a cultura é um diferencial na recepção, motivo pelo qual separa sua amostra entre pessoas do interior e da capital para constatar diferenças, não faz nenhum tipo de referência a esta questão nos resultados do trabalho.

Silva contempla os resultados em torno dos “modos de ver” das donas-de-casa, mas nos impede de saber se sua hipótese foi confirmada por causa de sua incoerência: a hipótese dá a entender que o olhar simbólico é uma condição para um olhar ser infinito, enquanto que na discussão teórica do autor ambos são tratados como sinônimos. Ao mesmo tempo em que diz que “o olhar do receptor não é um olhar neutro, nem necessariamente ativo, nem necessariamente passivo”, diz que “a realidade vista e apreendida na TV é reinterpretada e reconstruída pelo receptor”.

Por fim, Souza responde à sua questão sobre o vilão, como aparece nas histórias, como é interpretado pelos receptores e quais usos sociais são feitos dele, e chega a resultados que confirmam sua hipótese de que o vilão atua como mediador de uma crítica à sociedade. O autor reputa como original a utilização de fotografias para fazer o estudo de recepção dos vilões, mas este procedimento já havia sido feito por Arim do Bem em 1988. Esta, aliás, é uma questão problemática em parte deste conjunto de estudos, pois os mais recentes parecem desconhecer os trabalhos anteriores, os quais não são sequer mencionados. Com este procedimento o avanço do conhecimento fica certamente comprometido.

A conclusão de que os meios de comunicação e as telenovelas servem como reforço de posições já existentes é recorrente no trabalho de Elias, Jacks, Ronsini e Souza. Os trabalhos de Baptista e de Silva se contradizem quando o primeiro diz que a comunicação é “uma interação de sujeitos desejantes que se encontram e se transformam” e o segundo diz que algumas pessoas se encontram inalteradas e insensibilizadas depois de sua exposição às imagens. Outro resultado contraditório: enquanto o estudo de Elias sobre os adolescentes conclui que estes apresentam uma postura bastante próxima à dos adultos (embasada em outros trabalhos que ela não nomeia), Ronsini destaca a idade como importante mediadora, porque faz com que a

percepção da telenovela seja diferente, conforme os interesses de cada faixa etária.

Os *avanços* dos trabalhos, destacados pelos próprios autores, em sua maioria dizem respeito à originalidade dos temas: Elias diz que apesar da telenovela ser muito estudada, pouco se fez relacionando esta e os adolescentes; Ronsini, que são escassas as pesquisas de recepção que tratam da relação entre cultura de massa e cultura popular do meio rural, que a recepção no meio rural é pouco explorada; Salinas, que a literatura existente sobre o papel dos sons nos meios audiovisuais era bastante limitada, sendo seu trabalho pioneiro na pesquisa acadêmica no Brasil; Souza, que o vilão não foi objeto de preocupação maior nos estudos acadêmicos. Afora isto, Baptista acredita que trabalhar a comunicação do sindicato dos metalúrgicos com a sua “base” poderá servir de subsídio para repensar este aspecto em outras entidades; Jacks ressalta que a união do modelo das multimeiações de Orozco com a Teoria das Mediações de Barbero, “mostrou-se eficaz para estruturar o desenho da investigação e vislumbrar as conexões entre a base institucional e as práticas sociais da identidade cultural regional” e “também forneceu parâmetros para criar categorias que emergiram do próprio objeto em estudo”.

Algumas *novas hipóteses* surgiram dos trabalhos. Jacks, por exemplo, levanta a hipótese de que os meios de comunicação podem ajudar a construir, manter ou ativar identidades sociais, culturais e locais, e que o fortalecimento destas identidades pode tornar as audiências mais preparadas para negociarem os conteúdos nacionais e transnacionais. Ronsini, a partir da constatação do sucesso das telenovelas regionais, levanta como possível explicação, o fato do rural representar a identidade transformada daqueles que migraram para a cidade ou, então, representar valores e um modo de vida que persistem em “um país cada vez mais urbano mas com coração camponês”. Souza, partindo dos indícios de que as telenovelas conseguem levar os vilões para a vida cotidiana e o imaginário social, e que estes representam os tempos e espaços sociais da nossa sociedade, levanta a hipótese de que os conceitos de vilão ou herói dependem da significação que os poderes simbólicos hegemônicos dão aos fatos da vida nacional e da cultura local.

Comparando-se os trabalhos realizados na década de 1990 com uma análise realizada anteriormente sobre os trabalhos da década de 1970/80¹³, percebe-se uma tendência dos trabalhos de serem cada vez mais qualitativos. Se nas décadas anteriores

13 LA PASTINA, Antonio C.; MCANANY, Emile G. Pesquisa sobre audiência de telenovelas na América Latina: revisão teórica e metodológica. In: *Revista brasileira de ciências da comunicação*. Paulo, vol.XVII, n.2, , p.17-37, jun/dez 1994.

ainda havia trabalhos somente quantitativos, na de 1990 já não há. Com isto, os instrumentos mais utilizados deixam de ser o questionário e o estudo de caso, utilizando etnografia (La Pastina e McAnany, 1994) e passam a ser a entrevista também conjugada com a etnografia. No que diz respeito à clareza das referências aos métodos empregados, a situação se mantém muito parecida com a dos trabalhos das outras décadas: não há menções de todos os métodos empregados nos trabalhos e quando há, não é sempre que elas vêm acompanhadas de maiores esclarecimentos e reflexões sobre suas filiações.

Da mesma maneira que nos trabalhos das décadas anteriores, os dois trabalhos que utilizam questionários/formulários com grandes amostras não objetivam uma representatividade estatística, ou seja, ficam no meio do caminho. Com relação à presença de citações das respostas dos entrevistados, que dão margem para que o leitor faça outras interpretações diferentes das do autor, e que não eram muito presentes nos trabalhos das décadas anteriores, pode-se dizer que houve um grande avanço. Todos os autores trazem boa parte das falas dos seus entrevistados no corpo do trabalho, embora apresentem os dados ainda sem tratamento analítico.

No que diz respeito às conclusões a que chegam os trabalhos ou às premissas das quais partem, não houve mudança significativa em relação ao que foi constado nos trabalhos das décadas de 1970/80, como se pode observar pelas seguintes afirmações feitas por La Pastina e McAnany (1994): “as audiências são ativas e derivam uma variedade de significados das telenovelas”; “utilizam material ficcional em suas vidas”; “reconhecem a característica ficcional do gênero e o funcionamento de suas regras”; “variáveis contextuais de família, gênero, vizinhança, etc. são incluídas como qualificadoras das reações da audiência”; e “comportamento geralmente não é incluído no estudo das telenovelas”, com exceção do trabalho de Elias, que procura fazer esta avaliação. Ou seja, ainda falta aos estudos um poder explicativo.

Dois pontos que ainda não haviam sido estudados e foram sugeridos no artigo de La Pastina e McAnany, foram abordados por trabalhos desta década: a questão da identificação das audiências com certos personagens, trabalhada por Souza através do estudo do vilão e o estudo de como o processo recepção gera impactos, ponto abordado na dissertação de Ronsini. O outro ponto sugerido pelo artigo foi o estudo comparativo de como audiências de países diferentes reagem e incorporam essas histórias, o que no Brasil, nos trabalhos de pós-graduação, ainda não foi feito. Poderia-se acrescentar, ainda, que a análise da telenovela como gênero, ou mesmo como uma

obra específica, carece de uma abordagem mais qualificada para estabelecer seus vínculos com a audiência e as condições de interpretabilidade por parte dos receptores.

Referências Bibliográficas

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Comunicação: Trama de desejos e de espelho; os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação sindical. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

BEM, Arim Soares do. Telenovela e doméstica: da catarse ao distanciamento. *Dissertação de Mestrado*. ECA/USP, 1988.

ELIAS, Maria de Fátima. O adolescente diante da telenovela: uma análise das vivências rurais e urbanas na cidade de Piracicaba. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1996.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In MACHADO, J.; LEMOS, A.; SÁ, S. (orgs.) *Mídia. Br*, Porto Alegre, Sulina, 2004.

JACKS, Nilda. A recepção na Querência: estudo da audiência e da identidade cultural gaúcha como mediação simbólica. *Tese de Doutorado*. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

____ e RONSINI, Veneza. “Mediação na recepção: estudo comparativo entre receptor urbano e rural”. A encenação dos sentidos. *Mídia, cultura e política*. Rio de Janeiro: COMPÓS/ Diadorim, 1995.

LA PASTINA, Antonio C.; MCANANY, Emile G. Pesquisa sobre audiência de telenovelas na América Latina: revisão teórica e metodológica. In: *Revista brasileira de ciências da comunicação*. São Paulo, vol.XVII, n.2, p.17-37, jun/dez 1994.

RONSONI, Veneza. Cotidiano rural e recepção da televisão: o caso Três Barras. Dissertação de mestrado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

SALINAS, Fernando de Jesus Giraldo. O som na telenovela: articulações som e receptor. *Tese de Doutorado*. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.

SILVA, Magno Luiz Medeiros da. Televisão invisível: o receptor e o olhar simbólico. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

SOUZA, Milton Soares de. O papel social do vilão: leituras e usos sociais do vilão no cotidiano de receptores de telenovela. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.